

Leia os quadrinhos e os textos a seguir.



(Disponível em: <<http://www.filosofiahoje.com/2012/05/filosofia-em-quadrinhos-tales-de-mileto.html>>. Acesso em: 7 out. 2013.)

O ponto de partida dos pensadores naturalistas do século VI a.C. era a *physis*. Nesse conceito grego, estavam, inseparáveis, o problema da origem – que obriga o pensamento a ultrapassar os limites do que é dado na experiência sensorial – e a compreensão, por meio da investigação empírica, do que deriva daquela origem e existe atualmente.

(Adaptado de: JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.135.)

Os primeiros filósofos passaram a substituir todas as divindades míticas pelo ser impessoal, chamado princípio ou, em grego, *arché*. Àquela *arché* atribuíram tanto a origem de todas as coisas quanto a capacidade de compô-las e estruturá-las. Assim, ela representa uma racionalização das forças divinas, da sua causalidade.

(Adaptado de: TÜRCKE, C. O nascimento mítico do logos. In: DE BONI, L. A. (org.) *Finitude e transcendência*. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: PUCRS, 1996. p.89.)

Com base na tirinha e nos textos e a partir dos conhecimentos sobre o surgimento e o desenvolvimento progressivo da Filosofia, explique o significado filosófico da proposição enunciada por Tales de Mileto de que a água é o princípio de todas as coisas.

QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático:

Tema introdutório básico: a passagem do mito para o logos no surgimento da Filosofia.

Resposta esperada:

A proposição enunciada por Tales de Mileto de que a água é o princípio de todas as coisas inaugura um conhecimento que concebe racionalmente o mundo determinado por uma ordem intrínseca à natureza (*physis*) e não governado pelo divino. Nesse aspecto, esta proposição marca uma transição gradativa de um pensamento forjado pelas representações míticas para o pensar racional (*logos*) que formula uma explicação racional sobre o princípio originário e não originado de todas as coisas (*arché*). Essa proposição afirma a existência de um princípio único, causa de todas as coisas que são. Implica, pois, uma compreensão racional da *physis* fundada nas ideias de unicidade, de totalidade e de causalidade, distanciando-se da dispersão das narrativas míticas de suas representações que encaravam o mundo como um agregado de fragmentos diferenciados, longe de qualquer unidade. Abre-se uma nova racionalidade – analítica e reflexiva – que esboça a ideia de uma legalidade ou de uma ordem universal no mundo concebido como *physis*: tudo está interligado e, desse modo, se revela como um *Cosmos* desmitizado.



A consciência é a voz da alma, as paixões são a voz do corpo. E então, qual das duas devemos escutar? Vezes demais a razão nos engana, conquistamos até o direito de recusá-la, mas a consciência nunca engana. Ela é o verdadeiro guia do homem; ela está para a alma assim como o instinto está para o corpo: quem a segue obedece a natureza e não tem medo de se perder (p.405).

Consciência! Consciência! Juiz infalível do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade de suas ações, sem ti nada sinto em mim que me eleve acima dos animais, a não ser o triste privilégio de perder-me de erros em erros com o auxílio de um entendimento sem regra e de uma razão sem princípio. Mas não basta que esse guia exista, é preciso saber reconhecê-lo e segui-lo. Se ele fala a todos os corações, por que há tão poucos que o escutam? Ah, é que ele nos fala a língua da natureza (p.412-413).

(Adaptado de: ROUSSEAU, J. J. *Emílio* ou Da Educação. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.)

A partir dos conhecimentos sobre o pensamento moral de Rousseau, tendo por base a tirinha e os fragmentos do livro IV da obra *Emílio*, de autoria deste filósofo, discorra sobre a relação entre consciência, natureza e liberdade.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático:

Primeiro eixo temático: Problemas Políticos e Éticos na Filosofia – Problema ético: liberdade, emancipação e dever.

Autor de referência: Rousseau.

Resposta esperada:

Segundo Rosseau, a voz da consciência é inerente à natureza humana e, como princípio inato a par dos conteúdos trazidos pela razão, determina a vontade livre: constitui-se como aquela voz interior que permite discernir e avaliar moralmente as ações. Portanto, seguir a ordem da natureza torna o ser humano o próprio senhor de seus atos, capaz de livremente fazer suas escolhas. Conforme a tirinha, o ser humano – enquanto ser moralmente autônomo – ao escutar sua voz interior (o tal “inquilino”) experimenta sua ambiguidade: se reconhece livre para aquiescer ou para resistir à natureza. Paradoxalmente, por essa ambiguidade se reconhece em sua dignidade e liberdade. A virtude consiste, portanto, em conectar com esta voz da natureza, a consciência, e a partir dela agir por uma vontade livre.

(Adaptado de: ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p.145-146.)

Tendo como referência o pensamento político de Aristóteles na obra *A Política*, disserte sobre a relação entre o cidadão e a Cidade (pólis).

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático:

Primeiro eixo temático: Problemas Políticos e Éticos na Filosofia – Problema político: Estado, sociedade e poder.

Questões de referência: a questão da democracia; a questão da constituição da cidadania.

Autor de referência: Aristóteles.

Resposta esperada:

Como ressaltado pelo texto de Aristóteles, a família e a aldeia satisfazem as necessidades em sentido amplo, mas não atendem de forma plena as exigências para o “viver bem”. “O Estado tem, por natureza, mais importância do que a família e o indivíduo, uma vez que o conjunto é necessariamente mais importante do que as partes” (p.146). Tais condições somente são atingidas com a cidade-Estado, que é “uma forma natural de associação” que engloba as formas anteriores. Em *A Política*, Aristóteles defende o vínculo entre Estado e natureza de forma intensa, ao contrário dos Sofistas que advogavam a tese de que a pólis resultava de mera convenção. Nesse sentido, “o Estado é uma criação da natureza e o homem é, por natureza, um animal político” (p.146). É nesse contexto que se insere o indivíduo (cidadão). Ele partilha com a cidade a mesma espécie de bem, apenas em grau menos elevado (o cidadão é menos importante do que a pólis). É na pólis que o homem vive, mas não meramente como espectador, pois é nela que ele se autoconstitui a partir da participação política na condução dos negócios públicos. O homem é, portanto, um animal político que vive em uma sociedade organizada politicamente.



(Adaptado de: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2011/02/industria-cultural-e-manutencao-do-poder/>>. Acesso em: 7 ago. 2013.)

Com base na teorização sobre o tema “indústria cultural” elaborada por Adorno e Horkheimer e tendo como referência a tirinha e o texto, defina “indústria cultural” e o modo como se manifesta nos dias atuais.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo programático:

Terceiro eixo temático: Problemas Estéticos na Filosofia – O problema da relação da arte com a sociedade: a indústria cultural e a cultura de massa.

Questão de referência: a questão da arte e da indústria cultural.

Autor de referência: Adorno.

Resposta esperada:

O conceito de indústria cultural foi cunhado por Adorno e Horkheimer na primeira metade do século XX. Ao contrário da cultura de massas, que sugere um movimento que surge espontaneamente da sociedade, a indústria cultural promove a “coesão social” e a manutenção do *status quo* da ordem estabelecida mediante o esvaziamento do conteúdo crítico das obras de arte. O espaço da arte é ocupado pela indústria do entretenimento que comercializa produtos para ocupar o tempo entre uma jornada e outra de trabalho. Na indústria cultural, não há que se pensar, pois o que é oferecido aos consumidores é a repetição do mesmo, o “caráter sempre igual das relações”, a “passividade diante da realidade”, a “ausência da crítica e o comportamento servil”. É o reforço da sociedade administrada. Em sintonia com a discussão, a charge explora a ausência de autonomia, do pensar livre de amarras perante a realidade social. A aquisição de milhares de música em um único arquivo, fato que é facilitado pelas novas tecnologias, não significa acesso à arte e ao pensamento crítico. No seu lugar, nasce um vazio de pensamento livre e autônomo.